

## Produzir conhecimentos na escola: significados e sentidos do Projeto *Coepta*

Silvia M. Gasparian Colello<sup>1</sup>

**Resumo:** Reproduzimos aqui o artigo publicado – em “Convenit Internacional” N. 36/37: <http://www.hottopos.com/convenit36/index.htm> – por ocasião da celebração do 25º. aniversário das revistas universitárias do Cemoroc. Discute-se o Projeto *Coepta*, publicação de jovens autores nas revistas do Centro.

**Palavras Chave:** Cemoroc; revistas acadêmicas; Projeto *Coepta*.

**Abstract:** In this edition, we reproduce the article discussing *Coepta*, a project of publishing young authors in our journals – originally in “Convenit Internacional” N. 36/37 (dedicated to celebrating the 25th. anniversary of Cemoroc’s journals: <http://www.hottopos.com/convenit36/index.htm>).

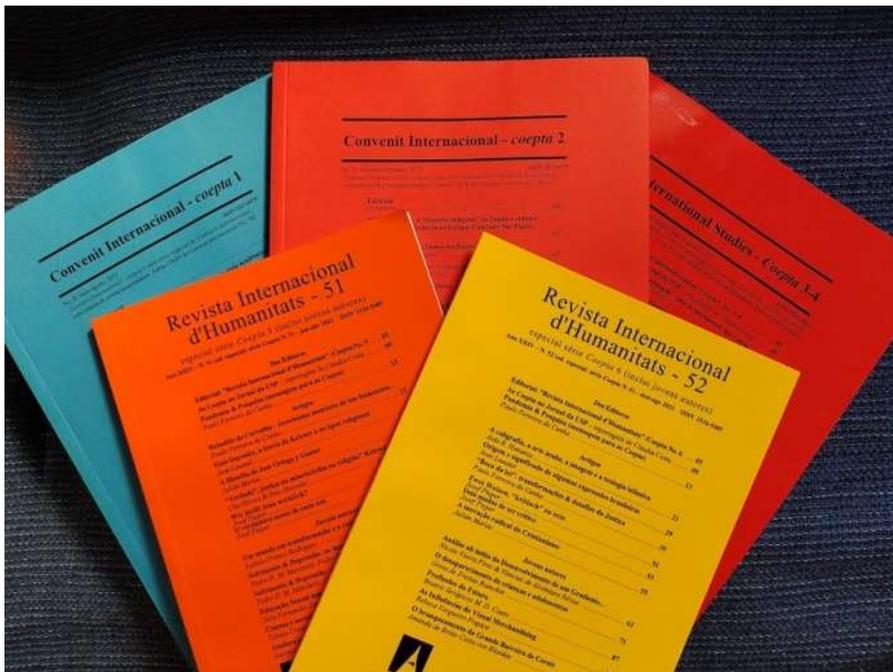
**Keywords:** Cemoroc; academic journals; *Coepta*.

Em 2019, o Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente da Faculdade de Educação da USP – CEMOrOc/FEUSP (<http://www2.fe.usp.br/~cemoroc/>) – lançou, em parceria com renomadas instituições europeias (Faculdade de Direito/ Inst. Jurídico Interdisciplinar da Universidade do Porto e Dep. de Ciències de l'Antiguitat i de l'Edat Mitjana da Universitat Autònoma de Barcelona), o projeto *Coepta* com o propósito de incentivar a produção científica de jovens estudantes do Ensino Médio. Desde então, foram publicados 40 artigos distribuídos em 6 números:

- Convenit Internacional, n. 30 – *Coepta* 1 (mai-ago, 2019):  
<http://www.hottopos.com/convenit30/index.htm>
- Convenit Internacional, n. 32 – *Coepta* 2 (set-dez, 2019):  
<http://www.hottopos.com/convenit31/index.htm>
- International Studies on Law and Education, n. 35/36 – *Coepta* 3-4 (jan-ago, 2020):  
[http://www.hottopos.com/isle34\\_35/](http://www.hottopos.com/isle34_35/)
- Revista Internacional d'Humanitats, n. 51 – *Coepta* 5 (jan-abr, 2021):  
<http://www.hottopos.com/rih51/index.htm>
- Revista Internacional d'Humanitats, n. 52 – *Coepta* 6 (mai-ago, 2021):  
<http://www.hottopos.com/rih52/index.htm>

---

<sup>1</sup> Educadora com mestrado, doutorado e livre-docência pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Vinculada ao programa de pós-graduação dessa mesma instituição, é também diretora acadêmica do Centro de Estudos Medievais Oriente-Occidente – CEMOrOc/FEUSP e editora da série *Coepta*.



Revistas *Coepta*

Como proposta inovadora voltada para as escolas públicas e privadas, a iniciativa, mais do que um projeto editorial de publicação de artigos de adolescentes, merece ser vista como efetiva contribuição educativa. Nessa perspectiva, se os seus significados incidem sobre a necessária revisão das práticas escolares, os seus sentidos traduzem o potencial formativo do trabalho investigativo entre jovens estudantes. Para que se possa melhor dimensionar o mérito do projeto, o presente artigo visa colocar em evidência essas duas dimensões: os significados e os sentidos das publicações *Coepta*.

### **Da cultura escolar à constituição de uma proposta inovadora: significados do projeto *Coepta***

Assumindo o compromisso de transmitir às novas gerações saberes historicamente constituídos, a escola costuma trabalhar em função de um currículo fechado de conteúdos, sistematizados em blocos de disciplinas e fragmentados em anos ou segmentos do ensino. Nessa perspectiva, prevalece na cultura escolar uma progressão linear de aprendizagens que, partindo da Educação Infantil, deveria garantir até o Ensino Médio um bloco de conhecimentos pré-estabelecido (em geral, concretizado pelos programas dos vestibulares ou por avaliações externas de desempenho escolar). Nessa perspectiva conteudista de ensino - que tantas vezes menospreza o desenvolvimento de competências, o protagonismo do sujeito, o vínculo dele com a cultura e a construção de uma postura em face de seu mundo - a formação do sujeito se submete à lógica de um “saber doado”, mas não necessariamente assimilado de modo crítico; um conhecimento supostamente aprendido, mas impossível de ser recriado. Sem desmerecer a importância dos conteúdos escolares ou dos próprios currículos, o risco está no desequilíbrio de uma prática que educa muito mais para um “saber estável” do que para o ser, o sentir, o questionar, o inquirir, o pesquisar, o problematizar, o construir e reconstruir.

Quando projetos inovadores se acenam aos professores, muito frequentemente assistimos a movimentos de resistência já que os docentes preferem se assegurar pela

garantia do “programa cumprido”. Longe de culpabilizar individualmente os docentes pelo seu suposto conservadorismo, é preciso admitir que essa postura configura-se muito mais como o reflexo de um sistema que cobra e avalia o ensino em função da “matéria dada” (COLELLO, LUCAS, 2017). Assim, parece muito mais legítimo recitar fórmulas matemáticas, memorizar datas do passado e decorar regras de gramática do que, por exemplo, compreender o funcionamento básico da economia, o sentido do patrimônio histórico e o potencial da produção linguística. Além dos princípios tão arraigados da “educação bancária” (FREIRE, 1968), o próprio funcionamento da escola – dinâmicas cristalizadas, configuradas em tempos e espaços pré-fixados – inibe o desenvolvimento de projetos mais flexíveis de trabalho: como promover iniciativas de procedimentos investigativos no limitado tempo de 45 minutos de aula? Como propor trabalhos em grupos colaborativos com cadeiras enfileiradas na frente do quadro negro? Como convencer a própria comunidade de que é também possível aprender pela interação entre colegas a partir da resolução de problemas?

É só em face da compreensão do cenário da escola tradicional que se pode avaliar a ousadia e o mérito de tantas propostas pedagógicas que, desde o final do século passado, surgem como iniciativas para reinventar a educação (ARAÚJO, SASTRE, 2009; CARVALHO, 1998; FREITAS, 2015; SEMEGHINI-SIQUEIRA, CASTELLAR, 2012, entre outros); iniciativas que, circunscritas nas salas de aula ou nas boas experiências de tantos professores, nem sempre têm a devida visibilidade. De fato, são muitos os docentes que – tanto nas escolas privadas, como nas instituições públicas, em diferentes segmentos da escolaridade –, convidam seus alunos a compreender a realidade, desafiando-os a enfrentar problemas e, por essa via, construir conhecimentos. São propostas de trabalho pedagógico que pressupõem uma nova postura do professor, não mais como aquele que apenas transmite conteúdos, mas como alguém que propõe e problematiza temas de abordagem; orienta na busca de conhecimentos ou fontes de informação; promove diferentes agrupamentos em classe; estimula formas diversificadas de interação e mediação; sugere metodologias de investigação; questiona a respeito de posturas éticas; contrapõe argumentos e acompanha a produção de trabalhos.

Nesses casos, superando a dimensão estrita do fazer escolar, o que está em pauta é também constituir a postura crítica e autônoma dos estudantes. Mais do que dar início a novas práticas, trata-se de promover uma iniciação – um empreendimento que se instala não só na escola, mas como uma condição de vida dos jovens. A palavra latina *Coepta* - que traduz o sentido de uma iniciativa capaz de se perpetuar como prática ou de sustentar posturas – , foi, por essa razão, escolhida para instituir o projeto em pauta, que visa valorizar, dar visibilidade e integrar-se aos esforços de inovação docente. Com o propósito de publicar os trabalhos de estudantes do Ensino Médio (eventualmente até do último ano do Ensino Fundamental) – pesquisas, TCCs, resultados de investigação e relatórios de trabalho -, trata de “estimular alunos à realização de trabalhos autorais, tão importantes para a abertura de horizontes intelectuais, guia para sua instalação no mundo atual e na formação da identidade” (LAUAND, COLELLO, 2019, p. 5).

A publicação de artigos de jovens estudantes que, por si só, já reflete o reconhecimento dos trabalhos de alunos e professores-orientadores, é ainda mais valorizada porque, nas seis revistas editadas, essas produções aparecem ao lado de textos de renomados estudiosos nacionais e internacionais. Em outras palavras, escapando da proposta de se fazer uma coletânea de “pesquisadores iniciantes” (um suposto preâmbulo da produção científica), o intuito foi de reconhecer seus devidos lugares como efetivos produtores de conhecimentos, assim como os grandes e

consagrados mestres. Vem daí o interesse de conhecer melhor o sentido e a contribuição de seus trabalhos, assim como do seu potencial formativo.

### **Dos projetos de pesquisa à constituição do pesquisador: sentidos do projeto *Coepta***

Como se sabe, a adolescência marca um momento em que o sujeito se dispõe a sair de seu mundo – por vezes, a concha protetora de um ambiente estável, que lhe parece dado e por si só justificado – para (re)considerar a realidade e a sua própria existência (COLL, PALACIOS, MARCHESI, 1995). Na passagem do vivido para o problematizado, do percebido para o inteligível, o estudante, quando estimulado, pode lançar mão de significativas estratégias de reflexão e de produção do conhecimento; estratégias que tendem a forjar valores, edificar posturas e direcionar projetos de vida (ARAÚJO, ARANTES, PINHEIRO, 2020). A construção desse repertório incide não apenas na constituição da identidade, como também no modo como o jovem se posiciona e se relaciona com os outros. Destaca-se, assim, a importância dos estudos, sobretudo quando eles puderem “dialogar” com a realidade social, a responsabilidade com relação aos outros e ao meio ambiente, e o enfrentamento de problemas. Nessa ótica, compreender o “seu mundo” é a melhor forma de viver no “seu mundo”, justamente por poder vislumbrar possibilidades para a sua recriação na superação de limites e de contradições.

Seguindo esse pressuposto, o levantamento dos artigos publicados pelos estudantes nas Revistas *Coepta* dá indícios sobre os sentidos assimilados coletiva ou individualmente a partir da realização das investigações. Um estudo sobre a discriminação racial, por exemplo, pode ser abstraído genericamente por jovens que se dão conta da extensão do problema na sociedade, mas pode também ter um impacto diferenciado entre alunos brancos ao se darem conta da sua própria postura de violência simbólica, ou, ainda, para um negro que, como bolsista de uma escola particular, convive diariamente na condição de minoria sendo muitas vezes hostilizado. Em todos os casos, fica evidente o potencial formativo da atividade investigativa (um potencial ainda maior quando compartilhado pela publicação). Além disso, uma vez situados como focos de interesse, os temas estudados podem subsidiar professores no tratamento de temas transversais na escola, abrindo espaços para o desenvolvimento de projetos de educação em valores, ética e cidadania.

Por falar em sentidos, não poderíamos deixar de mencionar o impacto indireto dessas publicações para pais e familiares. Aos seus olhos, parece inacreditável que garotos e garotas entre 14 e 17 anos possam ser autores de artigos científicos! Surpresos e orgulhosos com as produções de seus filhos, eles são os primeiros a reconhecer o mérito do projeto *Coepta* como estratégia para dar sentido aos estudos, motivar a construção do conhecimento, ampliar o vínculo com a escola e estimular a perpetuação de uma postura produtiva, crítica e autônoma. Por isso, o lançamento das revistas não poderia deixar de ser motivo de comemoração.

Dos 40 artigos publicados (um deles com triplo relato de pesquisas) nos últimos três anos, foi possível delinear 42 investigações distribuídas em nove temas que, não por acaso, foram objetos de interesse entre os jovens: saúde; arte e cultura; cidadania, violência e justiça social; efeitos da mídia; ciência e tecnologia; meio ambiente, ecologia e sustentabilidade, vida escolar e ensino; sociedade; e história.

Como tema predileto entre os jovens, a saúde - concretizada em 14 estudos sobre doenças e síndromes específicas, transtornos mentais, alcoolismo e vícios socialmente adquiridos – reflete a preocupação deles com o bem estar em uma fase da vida plena de descobertas e alternativas. Se, por um lado, estudar patologias e

moléstias é um passo para compreender as dificuldades e limitações alheias, por outro, conhecer as tendências sociais de adoecimento pode ser uma porta para o estabelecimento de mecanismos de autocuidado e de preservação de si.

Menos frequentes, mas não menos importantes, as pesquisas sobre cidadania, violência e justiça social ou sobre meio ambiente, ecologia e sustentabilidade (respectivamente com seis e quatro publicações) traduzem o interesse com o mundo em que vivemos. Ao explorar temas como discriminação social, violência e acessibilidade, os alunos se mostram sensíveis à construção de uma sociedade mais justa. Por sua vez, as pesquisas sobre poluição, ecossistemas e reciclagem trazem à tona os sentidos da responsabilidade com relação ao meio ambiente e ao futuro do nosso planeta.

Com cinco artigos publicados, os trabalhos sobre arte e cultura, versando sobre cinema, filmes, seriados, mitos, arte na sociedade na periferia e na escola, procuram valorizar a diversidade e defendem as manifestações artísticas como caminhos legítimos de humanização.

Os três estudos sobre vida escolar e ensino recuperam um âmbito próximo e cotidiano, no qual o “o quê” e “o como” se ensina pode fazer diferença, não só para atender as expectativas dos jovens, como para criar uma condição melhor de aprendizagem e de convivência institucional. Embarcar nessa frente de investigação pressupõe a consciência sobre possibilidade de melhorar a educação e garantir o direito que todos os estudantes deveriam ter.

Na mesma proporção de ocorrência, a exploração de temas como os efeitos da mídia na conformação de valores e hábitos, e a sociedade nos seus modos de funcionamento são tentativas de compreender aspectos subliminares nem sempre evidentes da vida cotidiana. Ao descortiná-los, os jovens têm, ao mesmo tempo, possibilidades de vislumbrar mecanismos de opressão ou manipulação e alternativas conscientes de inserção social ou imersão no mercado de trabalho. Nessa mesma direção e quantidade de publicações, os estudos sobre ciência e tecnologia, versando sobre inovações e inteligência artificial, apontam para novas possibilidades de ser e de fazer, na medida em que sugerem alternativas para a resolução de problemas.

Registrando uma única ocorrência, um estudo histórico reflete a consciência de que a compreensão sobre o passado favorece a compreensão sobre o presente. Por essa via, valoriza o processo de construção do nosso mundo e o respeito pela História como campo de conhecimento. Além disso, o estudo comprova a viabilidade da aprendizagem pela pesquisa em áreas específicas do conhecimento. Se é possível aprender com investigações históricas, por que não com pesquisas nas áreas de Física, Química, Biologia, Literatura e Matemática?

Mais importante que o número de evocações na ordem de interesses dos jovens autores, é preciso destacar a diversidade temática, o tratamento metodológico e a postura investigativa como formas de viabilizar aspectos muitas vezes esquecidos pelos programas escolares. Seja pela possibilidade de inovar e ressignificar a intervenção educativa na formação de estudantes, seja pela chance de fortalecer caminhos de motivação, de compartilhamento de estudos e de exploração de sentidos entre os adolescentes, fica o reconhecimento do projeto *Coepta* - um reconhecimento que valoriza o esforço dos alunos, as iniciativas docentes e, sobretudo, a possibilidade de produção ativa do conhecimento na escola.

## Referências

ARAÚJO, U. F.; ARANTES, A.; PINHEIRO, V. Projetos de vida – Fundamentos éticos e práticas educacionais. São Paulo: Summus, 2020. Disponível em: <https://aprendendosempre.org/baixar-gratuitamente-o-livro-projetos-de-vida-fundamentos-psicologicos-eticos-e-praticas-educacionais/#:~:text=Escrito%20pelos%20professores%20e%20pesquisadores,cidadania%20e%20a%20realiza%C3%A7%C3%A3o%20pessoal>. Acesso em 15/2/2021.

ARAÚJO, U. F.; SASTRE, G. (orgs.) *Aprendizagem baseada em problemas no ensino superior*. São Paulo: Summus, 2009.

CARVALHO, A. M. P et al. *Ciências no ensino fundamental – O Conhecimento físico*. São Paulo: Scipone, 1998.

COLELLO, S. M. G.; LUCAS, M. A. O. F. “A reinvenção da escola: os desafios de ensinar a língua escrita”. *International Studies on Law and Education*, n. 27. São Paulo: CEMOrOc-EDF/FEUSP /Universidade do Porto – Faculdade de Direito – Instituto Jurídico Interdisciplinar, set.-dez, 2017, p. 5-12. Disponível em: <http://www.hottopos.com/isle27/05-12ColelloLucas.pdf> Acesso em 15/2/2021.

COLL, C.; PALACIOS, J. MARCHESI, A. *Desenvolvimento psicológico e educação – Psicologia evolutiva*, vol 1. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1968.

FREITAS, C. M.; et al. Uso de metodologias ativas de aprendizagem para a educação na saúde: análise da produção científica. *Trab. educ. saúde*, Rio de Janeiro, v. 13, supl. 2, p. 117- 130, 2015.

LAUAND, J.; COLELLO, S. G. “Editorial: lançamento de ‘Convenit Internacional – coepta’”. *Convenit Internacional*, n. 30. São Paulo/Porto: CEMOrOc – FEUSP/ Universidade do Porto, 2019, p. 5-6. Disponível em: <http://www.hottopos.com/convenit30/05-06Apresentacao.pdf> Acesso em:15/2/2021.

SEMEGHINI-SIQUEIRA, I.; CASTELLAR, S. M. V. (orgs.) *Atuação profissional de professores coordenadores: aprendizagem baseada em problemas e por projetos*. São Paulo: Xamã, 2012.

Recebido para publicação em 15-06-21; aceito em 23-06-21